

SIDNEY D. KIRKPATRICK

AS RELÍQUIAS
SAGRADAS
DE HITLER



SEXTANTE

Para Alexander Kirkpatrick

Os homens anseiam mais pela glória do que pela virtude. A armadura de um inimigo, seu capacete quebrado, a bandeira arrancada de um navio conquistado são tesouros mais valorizados do que todas as riquezas humanas. É para obter esses símbolos de glória que generais, sejam eles romanos, gregos ou bárbaros, enfrentam milhares de perigos e suportam inúmeras provações.

Juvenal, poeta romano do século II

Sumário

Nota do autor

1. Alameda dos Ferreiros 15
2. Monuments Men 25
3. Os rapazes do Campo Ritchie 46
4. A invasão de Nuremberg 58
5. O martelo de Thor 71
6. A caixa de Pandora 87
7. A Lança do Destino 110
8. Os acadêmicos de Himmler 129
9. O Jesus ariano 148
10. O reino de conto de fadas de Hitler 162
11. Os Cavaleiros Teutônicos 172
12. O inimigo nos portões 183
13. A cadeia de comando 195
14. O emissário de Himmler 203
15. As chaves da câmara subterrânea 210

- 16.** O Reich sagrado de Hitler 226
- 17.** Externsteine 239
- 18.** O Camelot negro 254
- 19.** A Casa Branca 267
- 20.** Saques nazistas 280
- 21.** Campo King 291
- 22.** As Joias da Coroa 303
- 23.** A barganha faustiana 311
- 24.** O Quarto Reich 323

Epílogo 338

Notas 350

Agradecimentos 372

Nota do autor

A HISTÓRIA REAL A SEGUIR BASEIA-SE em registros militares, correspondências, diários, entrevistas, material de arquivos e nas memórias orais inéditas da Segunda Guerra Mundial de Walter Horn, professor de história da arte da Universidade da Califórnia em Berkeley.

Capítulo 1

Alameda dos Ferreiros

23 de fevereiro de 1945

TODAS AS MANHÃS, como o mecanismo de um relógio, os bombardeiros aliados escureciam os céus sobre Namur, na Bélgica. No último inverno da Segunda Guerra Mundial, centenas de aviões, às vezes até mil, em grandes esquadrilhas conhecidas como fluxos de bombardeiros, trovejavam sobre as cidades durante uma hora ininterrupta ou mais, deixando rastros de fumaça de quilômetros de extensão que permaneciam no ar bem depois de as aeronaves terem desaparecido e de os bombardeiros terem lançado sua carga letal sobre alvos na Alemanha e no Leste Europeu.

A chegada dos fluxos de bombardeiros aterrorizava os soldados alemães detidos no centro de detenção do Exército americano nos campos cobertos de neve da periferia de Namur. Amontoados e tremendo nas áreas de confinamento, os prisioneiros olhavam ansiosos para o céu, receando o horror prestes a ser lançado sobre os amigos e familiares em sua terra natal. Seus captores americanos também observavam o sobrevoos dos aviões, mas em vez de medo sentiam uma admiração tremenda pelas equipes de bombardeio e seu poder de fogo. Elas eram o martelo de prata que estava destruindo a máquina de guerra nazista e logo possibilitaria ao exército aliado aniquilar Adolf Hitler em seu próprio país. As missões de bombardeio – que eram deflagradas dia e noite e tinham como objetivo atingir não apenas alvos militares, mas também áreas industriais, destruindo

idades inteiras – eram o preço que a Alemanha pagava por sua prolongada resistência.

O primeiro-tenente Walter Horn, um dos 10 interrogadores do 3º Exército americano baseados no Campo Namur que falavam alemão, aguardava com um misto de emoções a chegada diária dessas esquadrilhas. Aos 36 anos, com tórax e ombros largos, aparência de astro de cinema e uma esposa impaciente esperando por ele em casa, em Point Richmond, à margem da baía de São Francisco, Horn sentia imenso orgulho da capacidade americana de fabricar, abastecer, conservar e mobilizar milhares de aeronaves carregadas de bombas, lançando-as centenas de quilômetros dentro do território inimigo. Embora ainda não tivesse disparado uma arma em combate em dois anos de serviço e sua unidade de inteligência móvel, comandada pelo general George S. Patton, permanecesse confortáveis 80 quilômetros atrás das linhas de frente, Horn reconhecia o destemor e a coragem das equipes aéreas e sentia uma afinidade especial com os milhares de outros integrantes – soldados de artilharia e infantaria, médicos e paramédicos, cozinheiros, auxiliares e intendentess – do maior, mais ágil e mais bem equipado exército que já existira.

Mas a visão dos fluxos de bombardeiros também deixava Horn bastante ansioso. Como os prisioneiros que interrogava, ele havia nascido e fora criado e educado na Alemanha. Nunca sabia se um dos bombardeiros despejaria sua carga nos arredores da casa de sua família em Heidelberg ou se um dia veria o semblante de seu irmão mais velho, Rudolf, entre os rostos desesperados de prisioneiros capturados e feridos.

Naquele inverno, o tenente Horn recebera ordens de ajudar a descobrir se Hitler utilizaria armas químicas e biológicas quando o exército aliado atravessasse o rio Reno e adentrasse o coração da Alemanha. Circulavam rumores de que os alemães, em uma última tentativa desesperada de abalar o moral das forças aliadas

que se aproximavam, recorreriam a tais armas, como fizeram nas trincheiras da França 27 anos antes.

A unidade de inteligência móvel de Patton preparara um questionário detalhado para extrair a verdade dos detentos. Os interrogadores não perguntavam a eles diretamente sobre estoques de armas. Em vez disso, obtinham a informação por meio de quatro dentre 150 perguntas aparentemente aleatórias. As respostas ajudavam a descobrir se os soldados haviam sido ensinados a usar armas químicas e biológicas em batalha e se existiam abrigos para a população civil escondidos atrás das linhas inimigas. Mil e quinhentos soldados rasos, selecionados da infantaria da Wehrmacht capturada na Bélgica após a Batalha das Ardenas, haviam sido enviados a Namur com esse propósito. Como as instalações eram inadequadas, muitos dos interrogatórios eram realizados ao ar livre. O escritório de Horn, situado atrás das áreas cercadas dos prisioneiros, consistia em dois caixotes de laranjas vazios, uma pequena mesa emprestada por uma escola primária próxima e uma pilha de questionários e lápis.

Horn já havia entrevistado 35 prisioneiros em 23 de fevereiro de 1945 quando um guarda do campo levou até ele Fritz Hüber, de 48 anos, soldado raso da 2ª Divisão Blindada alemã. Magro e pálido, Hüber trajava o mesmo uniforme mal-ajustado em que havia sido capturado, três semanas antes. Embora velho pelos padrões do exército aliado, Hüber não era um recruta incomum da Wehrmacht, pois os alemães, após mais de cinco anos de guerra contínua, estavam recrutando soldados dos 16 até os 60 anos, misturando-os em unidades de veteranos experientes nos campos de batalha e fazendo com que cavassem trincheiras, transportassem equipamentos nas costas ou em carroças e ajudassem no que fosse necessário. A mão de obra alemã, assim como o óleo diesel para acionar os tanques, era um recurso agora escasso.

Recrutado em Nuremberg, Hüber havia recebido menos de um mês de treinamento antes de ser conduzido, sob a neve, para

combater na Bélgica. Nada conhecia sobre armas químicas ou biológicas. Horn conferiu as respostas do soldado raso em rápida sucessão, obtendo nada mais do que “sim”, “não” e “não sei”.

Terminada a entrevista, Horn estava pronto para dispensar seu prisioneiro. No entanto, como o tenente observaria mais tarde num relato detalhado que fez da entrevista, subitamente mudou de ideia. Olhando para o deplorável soldado raso Hüber do outro lado da mesa, abatido pela falta de sono e sofrendo claramente de reumatismo no frio úmido, Horn ofereceu a ele um cigarro e uma xícara de café e perguntou se sabia de algo que pudesse interessar à inteligência americana.

A careta que Hüber fez foi a de um menino que tivesse levado bomba num exame na escola. Os olhos ficaram marejados. Ele queria ajudar, ser útil.

O tenente testemunhara reações daquele tipo antes. Via-as quase todo dia entre prisioneiros que haviam perdido tudo exceto a vida. Homens como Hüber, recrutados nas ruas pela Gestapo ou removidos à força de suas casas e obrigados a servir à pátria, não eram nazistas convictos ou arrogantes. Muitos já haviam perdido filhos e esposa na guerra ou tinham visto seus lares serem incinerados. Eram combatentes relutantes. Depois de se renderem ao inimigo, serem despojados de suas posses e conduzidos como gado às áreas de confinamento, a maioria perdera os últimos vestígios de autoestima. Como uma afronta final, eles agora viam e ouviam os fluxos incessantes de bombardeiros sobre suas cabeças e sabiam que a situação era realmente desesperadora. Os novos e tão alardeados interceptadores de jatos Messerschmitt de Hermann Göring não eram avistados em lugar nenhum. Se Hitler realmente possuísse uma arma secreta que viraria a maré da guerra, como o ministro da Propaganda Joseph Goebbels havia prometido ao povo alemão, àquela altura do confronto já a teria empregado.

Hüber e seus colegas prisioneiros sabiam que ninguém viria resgatá-los. No entanto, apesar do desespero evidente dos pri-

sioneiros, Horn notava um estranho paradoxo neles. Aqueles soldados de infantaria, mesmo os que haviam começado como partidários do sonho insano do Führer de dominar o mundo, ainda desejavam ser úteis, queriam ter alguma importância. Estavam desesperados para ajudar alguém, mesmo que fosse o inimigo. O soldado raso Hüber e inúmeros outros como ele seriam os homens que um dia retornariam para casa a fim de reconstruir sua nação.

O prisioneiro respondeu a Horn que infelizmente não poderia ajudar em nada.

O tenente não esperava ouvir mais coisa alguma dele. Mas, quando Hüber terminou seu café e Horn ia sinalizar aos guardas do campo que o levassem de volta à área de confinamento, o rosto do soldado subitamente se iluminou.

– Você se interessa por arte e antiguidades? – perguntou Hüber.

Horn abriu um enorme sorriso. O soldado alemão não tinha como saber que, na vida civil, seu interrogador era professor de história da arte da Universidade da Califórnia em Berkeley ou que anos atrás, antes de fugir da Alemanha nazista, estudara história da arte em Hamburgo, Munique e Berlim, obtendo o doutorado sob a orientação do medievalista de renome internacional Erwin Panofsky, e completara o pós-doutorado com Bernard Berenson em Florença, na Itália. Não havia outro assunto que o Dr. Walter Horn estivesse mais interessado em discutir do que arte e antiguidades.

– O que você sabe? – perguntou Horn.

Hüber se retesou na cadeira e dirigiu-se ao tenente como se estivesse sendo interrogado por um superior do Exército alemão.

– Existe um tesouro oculto num bunker sob o Castelo de Nuremberg. O esconderijo foi cavado na rocha sob o penhasco de arenito. É altamente secreto. Apenas o Reichsführer Himmler, seus auxiliares e algumas autoridades da cidade, além de operários que trabalharam no local, sabem algo a respeito.

– Heinrich Himmler, você quer dizer? Da SS?

Hüber assentiu solenemente com a cabeça, acrescentando que o bunker se localizava bem fundo na base do castelo, mas que seu túnel de entrada dava para a rua.

Intrigado, Horn pediu a Hüber mais detalhes.

O prisioneiro explicou que a entrada ficava camuflada de modo a parecer a garagem de uma loja de antiguidades numa alameda na parte antiga da cidade, com um letreiro que anunciava Antiguidades – Novas e Velhas.

Como Horn mais tarde notaria, Hüber fez uma pausa como que retendo a imagem da loja em sua mente. O pensamento pareceu trazer um ténue sorriso ao seu rosto. Então ele ficou mais relaxado, até otimista.

O prisioneiro continuou a descrever a disposição do bunker. Revelou que o estacionamento coberto, com suas portas camufladas, levava a um túnel comprido que descia cerca de 60 metros sob a superfície. Ao fim do túnel havia um bunker de 370 metros quadrados, construído com concreto reforçado, com cinco células de armazenamento separadas e uma câmara blindada grande o suficiente para se estacionar um pequeno caminhão lá dentro. A instalação era totalmente independente. Os guardas do bunker tinham seus próprios alojamentos, geradores elétricos, combustível, água potável, suprimentos de comida e equipamento de rádio. Havia respiradouros que davam para a superfície e um sistema de purificação do ar, para o caso de a cidade sofrer um ataque de bombas incendiárias.

– Se esse local é tão secreto – perguntou Horn cautelosamente –, como você ficou sabendo dele?

O rosto de Hüber se animou.

– Porque a minha família mora acima da loja de antiguidades. Meu pai é o encarregado da manutenção da unidade de ventilação que regula a temperatura e a umidade do bunker. Minha mãe evita que as obras de arte e os artefatos sejam danificados por mofo e insetos. Ela precisa usar luvas especiais quando entra

nas unidades de armazenamento. Vez por outra, borrifa a instalação com pesticida.

Horn ouvia com fascínio crescente enquanto Hüber contava sobre alguns dos complexos dispositivos de segurança do bunker. Nem mesmo os guardas que protegiam a instalação tinham acesso às unidades de armazenamento, e nenhuma pessoa desacompanhada, exceto Himmler e o prefeito de Nuremberg, Willy Liebel, tinha permissão de adentrar a câmara blindada. Duas chaves e um código de cinco dígitos eram necessários para abrir sua porta externa de 30 centímetros de espessura e uma segunda porta interna com barras de aço.

– Que tipo de arte é guardado no bunker? – quis saber Horn.

Hüber mencionou diversos dos mais de 100 objetos que estariam abrigados nas diferentes salas, entre eles gravuras e águas-fortes de Albrecht Dürer, esculturas de Adam Kraft e Veit Stoss, códices medievais, mapas, instrumentos musicais do Renascimento e vitrais góticos. Tudo estava listado num catálogo de fichas diante da sala da guarda, no salão principal, e era periodicamente verificado pelo prefeito ou seu secretário.

Impressionado, Horn perguntou o que era mantido na câmara blindada.

Hüber respondeu sem titubear. Dentro dela havia uma série de artefatos embalados em caixotes de madeira. Um deles, enorme, continha um estojo de vidro com os paramentos de um rei, bordados com figuras de camelos e leões adornadas com pérolas. Outro caixote, com a palavra “Mauritius” inscrita na lateral, continha uma espada antiga. Um terceiro caixote continha uma coroa coberta com safiras, rubis e ametistas brutas. Ao lado estavam guardados um cetro de prata e uma maçã de ouro com uma cruz incrustada de joias no topo. Em sua própria caixa de couro, sobre uma almofada de veludo vermelho, jazia uma antiga ponta de lança romana, à qual os visitantes da câmara – entre eles o próprio Himmler – se referiam como a “Lança Sagrada”.

Horn estava ao mesmo tempo entusiasmado e perturbado com o relato de Hüber. Não dispunha de informações suficientes para identificar as origens das obras de arte guardadas no restante do bunker, mas a combinação de tesouros ocultos na câmara pertencia a uma coleção legendária de artefatos que haviam sido detalhados em inúmeras pinturas medievais e manuscritos monásticos.

Os paramentos reais, bordados com os camelos e leões característicos, haviam sido feitos no início do século XII em Palermo, na Itália, tendo sido usados pelos grandes soldados-reis da Europa medieval. A espada imperial – às vezes denominada “Espada de Maurício” – tinha esse nome em homenagem ao centurião romano martirizado e combatente legendário da Legião Tebana. A coroa, o cetro e o orbe em forma de maçã haviam pertencido, entre outros, ao rei Frederico Barbarossa, o temível monarca de barba ruiva que governou do Castelo de Nuremberg e morreu durante a Terceira Cruzada à Terra Santa. Mas foi a menção de Hüber à antiga ponta de lança romana que identificou, sem sombra de dúvida, a coleção. A Lança Sagrada, também conhecida como Lança de Longino e Lança do Destino, supostamente foi a arma que dilacerou o flanco de Cristo na crucificação, tendo sido subsequentemente usada em batalha pelos imperadores Constantino e Carlos Magno.

Os objetos na câmara subterrânea constituíam as Joias da Coroa do Sacro Império Romano, a mais valiosa coleção de artefatos de toda a Europa. Em sua tentativa de dominar o mundo, Hitler removera-os do tesouro real em Viena, na Áustria, exibindo-os por um breve período em Nuremberg. O local em que o Führer os havia ocultado depois que começaram os bombardeios sobre a Alemanha e a integridade da coleção eram objeto de intensa especulação entre historiadores da arte e curadores de museus mundo afora.

Horn não tinha nenhum motivo para duvidar da história do prisioneiro. Hitler saqueara a Europa, roubando todo tipo de

tesouro, desde pinturas de Leonardo da Vinci e esculturas de Michelangelo até preciosos ícones russos e poloneses e manuscritos monásticos medievais. Nuremberg, a segunda maior cidade da Baviera, era um lugar natural para o ditador alemão salvar seus despojos. A cidade antiga, com seu enorme castelo medieval construído sobre uma montanha de arenito vermelho, representava o coração do Estado nazista, sentimentalmente ligado a seu passado mítico, e era o local de enormes comícios organizados pelo Partido Nazista para glorificar o futuro do regime. O próprio Horn ouvira Hitler declarar pelo rádio que Nuremberg era “a mais alemã de todas as cidades alemãs” e “a arca do tesouro do Partido Nazista”. Horn sempre achou que Hitler usara a expressão em sentido figurado. Mas, pelo que Hüber estava dizendo, não era bem assim.

Obedecendo às ordens do tenente, o prisioneiro escreveu os nomes de seus pais, depois desenhou um mapa no verso de um questionário do Exército detalhando a localização exata da entrada do bunker subterrâneo numa alameda estreita que, em uma das extremidades, dava para o castelo histórico de Nuremberg e, na outra, para uma praça de pedras de cantaria e construções medievais, entre as quais a antiga residência e o ateliê de Albrecht Dürer. O endereço era Alameda dos Ferreiros, 52.

Naquela noite, depois que Horn devolveu uma pilha de questionários ao seu comandante, pediu uma máquina de escrever emprestada ao suboficial Felix Rosenthal, seu amigo e colega interrogador nascido na Alemanha, e passou o resto da noite no rancho dos oficiais redigindo um relato detalhado da entrevista que fizera com Fritz Hüber. Tinha todos os motivos para acreditar que, ao chegar ao serviço de inteligência do Exército, seu relatório seria soterrado numa pilha de documentos considerados inúteis ao esforço de guerra, e, se por algum motivo passasse pela cadeia de comando até alcançar o quartel-general de Patton, sabia quão improvável seria que um oficial de operações de

combate reconhecesse a recuperação das Joias da Coroa do Sacro Império Romano como um objetivo militar significativo.

Apesar das dúvidas quanto à chance de seu relatório chegar ao topo da cadeia de comando, Horn escreveu dois textos, escolhendo suas palavras com os mesmos cuidado e atenção aos detalhes que empregava nos artigos publicados em importantes revistas de história da arte antes da guerra. Satisfeito com o resultado final, lacrou o relatório junto com o mapa desenhado por Hüber num envelope e endereçou-o ao quartel-general do serviço de inteligência do 3º Exército de Patton, em Paris.

Agradecimentos

NÃO CONHECI WALTER HORN pessoalmente. O que sei sobre ele veio de alunos, colegas e membros da família que compartilharam suas lembranças comigo, permitiram que eu lesse suas correspondências pessoais e consultasse seus arquivos, ou simplesmente me acompanharam enquanto eu seguia suas pegadas em Berkeley e ao longo da praia em Point Richmond.

Em primeiro lugar, meus agradecimentos à sua viúva, Alberta Horn, e a seus dois filhos ainda vivos, Michael e Rebecca. Este livro não poderia ter sido escrito sem sua generosidade, seu encorajamento e sua confiança. Agradeço também a Grethe Tedrick, vizinha e amiga de Walter e Alberta, que me acolheu em minhas viagens de pesquisa e me distraiu com suas muitas histórias, e a Tom Tedrick, filho de Grethe, por suas lembranças de Walter, seu bom humor e muitas informações valiosas.

Também sou grato pelo apoio de Felix Rosenthal, amigo e colega de Walter, cujas lembranças, correspondência, artigos inéditos e relatórios ajudaram imensamente a detalhar os eventos e a fornecer o material de fundo descritos neste livro. Agradeço também a Barnard, irmão de Felix, e a Victoria e Tony Misch por ajudarem a marcar minha entrevista com Felix.

Muitas outras pessoas nos Estados Unidos e na Europa foram fundamentais em me ajudar a reconstituir aspectos específicos da história. Devo agradecer a Brigitte Harris, genealogista da fa-

mília Horn; a Svetlana Alpers e Jennifer White Marshall, amigas e ex-colegas de Horn; a Ian White e Charles Schlossman, colegas de Günter Troche; ao escritor Peter Watson, que conduziu entrevistas detalhadas com Walter para seu livro *The Nazi's Wife*; a Antsiss, Elizabeth e Florence, filhas de Mason Hammond; ao historiador militar Kenneth Alford; ao pesquisador de arquivos Mark Ballard; a Wulff Brebeck, historiador e curador de Wewelsburg; a Karl Kunze, historiador de Nuremberg; aos guias da cidade Michael E. Gonzales, Bolko Gruell e Karl Hueser; a Boyd Dastrup, historiador da ocupação de Nuremberg, da Field Artillery School do Exército americano em Fort Sill; ao pesquisador de Josef Spacil Klaus Gagstädter; ao consultor militar americano Kelly DePonte; aos pesquisadores militares alemães Ralph e Dieter Faber; e ao capitão aposentado James C. Sattgast, que participou da invasão de Nuremberg com os 45th Thunderbirds.

Por sua assistência editorial e leitura cuidadosa dos originais, sou grato a Olive DePonte. Sou igualmente grato a Hildegard Perlman pela ajuda em traduzir livros e documentos alemães; a Marisa Bourgoïn e Wendy Hurlock Baker, que muito ajudaram na pesquisa dos documentos de Walter Horn nos Archives of American Art, do Instituto Smithsonian; a Walter Gebhardt, por sua ajuda em localizar os registros de seu colega Günter Troche no Museu Germânico; a Stephen Bye, que gentilmente me deu apoio no War College do Exército americano em Carlisle, Pensilvânia; a Paul Nowacek, que me poupou muitas horas de trabalho nos Arquivos Nacionais em College Park; e a Michael Gonzales, da biblioteca e do quartel-general da 45ª Divisão de Infantaria em Oklahoma City.

Três outros pesquisadores que não tive o prazer de conhecer, mas cujas pesquisas influenciaram a minha, merecem reconhecimento: Stephen Brockmann, da Carnegie Mellon University, autor de *Nuremberg: The Imaginary Capital*; Susannah Heschel, do Dartmouth College, autora de *The Aryan Jesus*; e Lynn Ni-

cholas, de Washington, D.C., autora de *The Rape of Europa*. Meu reconhecimento também vai para o escritor e cineasta Robert Edsel, cujos livro *Rescuing Da Vinci* e trabalho na Monuments Men Foundation for the Preservation of Art muito ajudaram em aumentar a consciência do público das contribuições de Mason Hammond, Walter Horn e seus colegas do MFAA.

Sou muito grato ao agente Richard Morris, da Janklow and Nesbit, e ao editor Roger Labrie, da Simon and Schuster, que acompanharam o projeto deste livro desde a ideia inicial até sua conclusão. Sua confiança, bem como seu olhar e sua perspicácia editorial, foram muito valiosos.

Obrigado também àqueles que ajudaram desde que conversei com eles pela primeira vez sobre esta obra: Dayton e Karen Brown, David Cyrille, Robert e Teresa Freaso, Cathy Haenlein, George e Joan Rockwell Gifford, Wilder e Gabriele Knight, Todd Miller e Ellie Short.

Por fim, um obrigado muito especial à minha esposa, Nancy, como sempre, por seu apoio, sua paciência e suas boas opiniões.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA SEXTANTE

FORA DE SÉRIE - OUTLIERS

Malcolm Gladwell

Nesse livro, Malcolm Gladwell realiza uma fascinante investigação das raízes do sucesso. Enfocando a trajetória de pessoas que apresentaram um desempenho extraordinário em áreas e épocas diversas, ele mostra que o êxito não é fruto apenas do mérito individual. Ele também resulta de fatores que garantiram a esses indivíduos a chance de cultivar seu talento intensamente e de forma peculiar, destacando-se assim como personalidades fora de série.

Para Gladwell, todas as pessoas com esse perfil – denominadas por ele de *outliers* – receberam ajuda de alguém da família ou da comunidade ou foram beneficiadas por circunstâncias específicas de sua geração, cultura ou meio. No seu ponto de vista, o sucesso resulta do acúmulo constante de vantagens e, em grande parte, depende de quando e onde nascemos, da profissão dos nossos pais e do tipo de criação que recebemos.

Você lerá histórias de gênios que, apesar de possuírem uma inteligência espantosa, não conseguiram alcançar o sucesso. Para o autor, esse fato demonstra que, embora o QI seja um indicador de *habilidade inata*, a destreza social é construída por *conhecimento*. É um conjunto de capacidades que precisamos aprender e desenvolver – e é no ambiente familiar que isso costuma ocorrer.

O PONTO DA VIRADA
Malcolm Gladwell

Você já ficou intrigado pensando no que faz com que um produto, um serviço ou mesmo atitudes virem moda da noite para o dia? Malcolm Gladwell apresenta uma maneira instigante e original de entender fenômenos sociais desse tipo: vê-los como epidemias.

“Ideias, produtos, mensagens e comportamentos se espalham como vírus”, diz o autor. E o momento decisivo em que essas novidades se alastram – ou se acabam – é o que ele chama de o Ponto da Virada. Esse instante crítico surge com mudanças que, embora pequenas, surtem um efeito extraordinário.

O objetivo de toda essa reflexão, afirma o autor, é, em suma, responder a duas perguntas: “Por que alguns comportamentos, produtos e ideias deflagram epidemias e outros não? E o que podemos fazer intencionalmente para desencadear e controlar as nossas próprias epidemias positivas?”

Gladwell responde às duas questões dizendo basicamente o seguinte: o mundo, por mais que queiramos, não corresponde àquilo que a nossa intuição nos diz. As pessoas que têm sucesso na criação de uma epidemia social testam sua forma de ver as coisas e a adaptam para que a inovação possa ser assimilada e disseminada.

O QUE SE PASSA NA CABEÇA DOS CACHORROS

Malcolm Gladwell

Malcolm Gladwell publicou três livros que mudaram radicalmente o modo como compreendemos o comportamento humano e o mundo à nossa volta. Autor de *O ponto da virada*, *Fora de série* e *Blink*, ele acredita que o sucesso de um texto não deve ser medido por seu poder de persuasão, mas por sua capacidade de nos fazer pensar, de nos dar um vislumbre de como funciona a mente de outras pessoas.

O que se passa na cabeça dos cachorros reúne os melhores artigos publicados desde 1996 na sua coluna na revista *The New Yorker*. São tentativas de entender o ponto de vista do outro, tão importante quanto o nosso em qualquer comunicação.

Nesse livro, Gladwell investiga as razões por trás de enigmas e mistérios, como por que John Kennedy Jr. perdeu o controle do seu jatinho, como o governo Bush foi induzido a acreditar que Saddam Hussein escondia armas de destruição em massa ou por que é certo que ocorram outros acidentes espaciais graves como o do Challenger.

O mexicano César Millan, apresentador do programa de TV *O encantador de cães*, é o destaque do artigo que dá nome ao livro. Ele consegue acalmar o mais feroz e agitado animal com um toque das mãos. O que Millan pensa ao fazer isso? Mas a questão que iremos desvendar vai além: o que o cachorro pensa quando interage com Millan?

Além de estudar casos célebres, Gladwell também nos surpreende ao dissecar situações envolvendo pessoas que não são famosas nem poderosas, como as redatoras de comerciais da L'Oréal e da Clairol que mudaram a história da mulher no século XX e o investidor que faz fortuna apostando na inevitabilidade do desastre.

Com sua curiosidade incansável e uma incrível capacidade de encontrar uma história interessante nas coisas aparentemente mais banais da experiência humana, Malcolm Gladwell nos envolve em suas descobertas e abre nossos olhos para outras possibilidades e novas formas de ver o mundo, as pessoas e – por que não – os cachorros.

FILHO DO HAMAS
Mosab Hassan Yousef

Desde a infância, Mosab Hassan Yousef viveu nos bastidores do grupo fundamentalista islâmico Hamas e testemunhou as manobras políticas e militares que contribuíram para acirrar a sangrenta disputa no Oriente Médio. Por ser o filho mais velho do xeique Hassan Yousef, um dos fundadores da organização, todos acreditavam que ele seguiria os passos do pai.

Às vésperas de completar 18 anos, movido pela raiva e pelo desejo de vingança, Mosab decide assumir um papel mais ativo no combate a seus opressores e acaba sendo preso e levado para o mais terrível centro de interrogatórios israelense.

Depois de dias sob tortura, ele recebe uma proposta do Shin Bet, o serviço de inteligência interno de Israel: sua liberdade em troca da colaboração para identificar os líderes do Hamas responsáveis por ataques terroristas. A princípio, considera a oferta absurda. Afinal, como poderia trair sua religião e seu povo e ajudar seus inimigos?

Filho do Hamas é o relato impressionante do caminho inesperado que Mosab resolve seguir ao questionar o sentido de um conflito que só traz sofrimento para os inocentes, sejam eles palestinos ou israelenses.

No livro, ele revela como se tornou espião do Shin Bet, narra passagens da vida dupla que levou durante 10 anos e fala das escolhas arriscadas que fez para conter a violência de uma das organizações terroristas mais perigosas do mundo.

Essa é também uma história de transformação pessoal, uma jornada de redescoberta espiritual que começa com a participação de Mosab num grupo de estudos bíblicos e culmina na sua conversão ao cristianismo e na crença de que “amar seus inimigos” é o único caminho para a paz no Oriente Médio.

CHECKLIST
Atul Gawande

Atul Gawande, cirurgião experiente e colunista da revista *The New Yorker*, se destacou ao escrever sobre os problemas e desafios da medicina moderna. Em *Checklist*, ele parte de relatos de cirurgias de risco para refletir sobre a forma como os profissionais lidam com a complexidade crescente de suas funções.

Gawande faz uma distinção entre erros de ignorância (que acontecem porque não temos o conhecimento necessário para realizar algo) e erros de inépcia (que ocorrem quando não fazemos bom uso desse conhecimento). Ele afirma que as falhas evitáveis no mundo atual são do segundo tipo e, por meio de uma série de exemplos, mostra como as tarefas habituais dos cirurgiões e de outros especialistas se tornaram tão intrincadas que equívocos já são praticamente esperados.

Para um problema complicado, nada como uma solução simples. O autor prova que podemos obter melhores resultados e encontrar saídas mais eficazes para quase todo tipo de dificuldade usando checklists. Ele explica como essas listas de verificação viabilizam algumas atividades complexas, de pilotar aviões de grande porte ou acompanhar o mercado de ações a construir arranha-céus.

Por meio de pesquisas e conversas com os profissionais que mais utilizam esse recurso valioso, Gawande demonstra como o checklist evita desperdícios, erros graves e até catástrofes. Conta também de que maneira ele é aplicado em áreas inesperadas como futebol, teatro e música, e o que nós podemos fazer para tirar proveito desse método.

Checklist é uma análise impressionante da complexidade que cerca nossa vida e dos inúmeros benefícios que um procedimento tão corriqueiro pode trazer. Trata-se de uma leitura essencial para todos aqueles que querem mais produtividade, eficiência e segurança em suas atividades.

MEU VIZINHO É UM PSICOPATA

Martha Stout

Você conhece algum psicopata? Pense bem antes de responder que não. Quando ouvimos essa palavra, logo pensamos em criminosos violentos, serial killers, como vemos na TV e no cinema. Mas a verdade é que nem todos eles são assim.

Psicopatia é o termo mais popular para nos referirmos à sociopatia, distúrbio que se caracteriza pela falta de consciência e que é bem mais comum do que imaginamos, atingindo uma em cada 25 pessoas.

Entre seus principais “sintomas” estão: incapacidade de adequação às normas sociais; falta de sinceridade e tendência à manipulação; impulsividade; irresponsabilidade persistente e ausência de remorso. Para atingir seus objetivos, o psicopata é capaz de mentir, roubar, manipular e até matar sem sentir culpa alguma. Talvez seja um marido agressivo, um pai que maltrata os filhos ou um chefe que humilha os funcionários.

Embora saibam o que é certo ou errado, os sociopatas simplesmente não se importam com isso. Conhecem as regras da sociedade e entendem como nós, pessoas com consciência, agimos e pensamos – e lançam mão disso para nos manipular e circular despercebidos em nosso meio.

Com anos de experiência no atendimento a vítimas de psicopatas, a Dra. Martha Stout traça um retrato preciso desses indivíduos, explica como identificá-los e ensina 13 regras para nos defendermos da ameaça que eles representam.

Lançado em 2005 nos Estados Unidos e publicado em vários países, *Meu vizinho é um psicopata* se tornou uma referência sobre o assunto e ganhou o prêmio Books for a Better Life (Livros para uma vida melhor) daquele mesmo ano por sua significativa contribuição à sociedade.

INVICTUS – CONQUISTANDO O INIMIGO

John Carlin

Esse livro narra uma das campanhas políticas mais impressionantes da história: a que Nelson Mandela empreendeu, ao longo de 10 anos, para livrar a África do Sul do apartheid. Ele entendia que a única maneira de libertar seu povo era fazer com que os próprios brancos abolissem o sistema de segregação racial. Para isso, seria preciso conquistá-los.

Ainda na prisão, estudou a língua e a história dos africanos e aprendeu tudo o que pôde sobre rúgbi, o esporte favorito dos sul-africanos brancos. Ele sabia que seus inimigos, como todos os seres humanos, queriam ser tratados com respeito, e foi assim, falando a seus corações, que dobrou todos eles, desde seus carcereiros até o presidente do país.

Mesmo depois de ter conquistado a liberdade e sido eleito presidente, Mandela ainda não tinha alcançado seu objetivo: que todos os sul-africanos, brancos e negros, fossem realmente uma nação. Assim, decidiu usar o rúgbi para unir seu país.

O autor entrevistou diversas testemunhas do milagre sul-africano. Por meio de depoimentos emocionantes, conhecemos François Pienaar, o capitão do time de rúgbi; Linda Moonsamy, ex-ativista que posteriormente fez parte da guarda pessoal de Mandela; Niel Barnard, chefe do serviço de inteligência da África do Sul no período do apartheid; e o arcebispo Desmond Tutu, vencedor do Prêmio Nobel da Paz e o mais famoso personagem da luta contra o apartheid antes da libertação de Mandela.

A narrativa de Carlin sobre a campanha pacífica de Mandela e a improvável vitória sul-africana na Copa do Mundo de Rúgbi de 1995 poderia ser um dos melhores romances já escritos não fosse o fato de que tudo realmente aconteceu.

Você vai rir e chorar. E serão lágrimas de alegria, porque, ao menos uma vez, um líder nacional agiu e levou seu povo a também agir de maneira correta. Para um mundo cético, *Invictus – Conquistando o inimigo* é a prova de que a fraternidade ainda é possível.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer, de Patricia Schultz

A História – A Bíblia contada como uma só história do começo ao fim, de The Zondervan Corporation

A última grande lição, de Mitch Albom

Conversando com os espíritos e Espíritos entre nós,
de James Van Praagh

Desvendando os segredos da linguagem corporal e Por que os homens fazem sexo e as mulheres fazem amor?, de Allan e Barbara Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes, professores fascinantes,
de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O Poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de Steven Carter
e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de Harv T. Ecker

Por que os homens amam as mulheres poderosas?, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardinho

Informações sobre os próximos lançamentos

Para receber informações sobre os lançamentos da
EDITORA SEXTANTE, basta cadastrar-se diretamente no site
www.sextante.com.br

Para saber mais sobre nossos títulos e autores e enviar
seus comentários sobre este livro, visite o site
www.sextante.com.br ou mande um e-mail para
atendimento@esextante.com.br

EDITORA SEXTANTE

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244
E-mail: atendimento@esextante.com.br